



CAPÍTULO 5

NARRATIVAS ETNOGRÁFICAS DE MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO DE PESSOAS, JOVENS, ADULTAS E IDOSAS (EPJAI) NA REDE EDUCACIONAL DE GUARATINGA/BAHIA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.427162518115>

Auzair Barbosa de Souza

Doutoranda no Programa Estado e Sociedade – pela UFSB

INTRODUÇÃO

Esta escrita é de cunho bibliográfico e analisa a importância de narrativas de mulheres negras para o projeto: “Narrativas etnográficas de mulheres negras egressas da Educação de Pessoas Jovens Adultas e Idosas em Guaratinga/BA”. O estudo busca evidenciar como essas narrativas são essenciais para compreender as relações entre raça, gênero e classe, apoiando-se em autoras como Lélia Gonzalez (1988), Patrícia Hill Collins (2019), Conceição Evaristo (2005), Bell Hooks (1995), Sueli Carneiro (2005) e Maria Aparecida Bento (2002). Ouvir e registrar essas histórias constitui um ato político, ético e epistemológico que resgata vozes silenciadas. A escuta sensível e a escrita reflexiva revelam experiências de resistência, reparação e transformação social produzidas por mulheres negras.

Palavras-chave: Narrativas etnográficas, mulheres negras, EPJAI.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As narrativas etnográficas de mulheres negras egressas da EPJAI podem revelar experiências que constituem uma memória coletiva de resistência, superação e reconstrução identitária. Inspiradas no conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2005), essas histórias, segundo a autora mostram como essas mulheres significam o mundo a partir das marcas de raça, gênero e classe que atravessam suas vidas. Para Nilma Lino Gomes (2017), a educação é um espaço de disputa simbólica e de afirmação identitária, o que torna a presença dessas mulheres na EPJAI um gesto político contra o racismo e as desigualdades. À luz de Maria Aparecida Bento (2002), suas narrativas também denunciam o racismo institucional e revelam estratégias

cotidianas de resistência em busca de dignidade e transformação social. Suas histórias constituem produções de saber e potência política. As autoras feministas negras destacam que a experiência das mulheres negras deve ser compreendida a partir de suas próprias referências culturais e históricas, rompendo com visões eurocêtricas que marginalizam seus modos de existir.

Para Hooks (1995), narrar é um ato de libertação e enfrentamento das opressões. Collins (2019), reforça que esse conhecimento é coletivo, situado e marcado pela ética do cuidado e da resistência, enquanto Carneiro (2005) afirma que as mulheres negras produzem uma epistemologia própria, construída no combate ao racismo e ao sexismo. Martins (2002) amplia essa perspectiva ao mostrar que a experiência negra se expressa em linguagens simbólicas e poéticas, carregadas de memória ancestral. Já Bento (2002) revela como o racismo institucional dificulta o acesso das mulheres negras a espaços de formação, tornando suas narrativas uma denúncia das desigualdades e uma afirmação de dignidade e transformação social. Assim, as narrativas etnográficas dessas mulheres constituem produções de saber e potência política, expressando as “memórias guardadas no corpo” que afirmam a vida mesmo diante da exclusão e a importância da escuta sensível como prática de reparação.

METODOLOGIA

A pesquisa que sustenta esta escrita é qualitativa e exploratória, baseada em leitura, fichamento de artigos e na releitura reflexiva desses referenciais. O levantamento das informações, foi realizado entre setembro e novembro de 2025, permitiu organizar o corpus em categorias temáticas e compreender como essas narrativas revelam tanto as dores das discriminações vividas quanto as estratégias de superação. Os resultados confirmam que ouvir e analisar essas histórias é fundamental para compreender as intersecções entre raça, gênero e classe e reconhecer a importância da EPJAI como espaço de formação e resistência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo a literatura feminista negra, as narrativas de mulheres negras são essenciais para reparar silenciamentos históricos e reconstruir uma memória coletiva que reconheça suas experiências. Ao registrar suas histórias nos espaços do cotidiano — como escolas, comunidades, terreiros e famílias — evidencia-se a potência desses lugares como produtores de conhecimento. A valorização da oralidade e da escuta etnográfica revela dimensões de raça, gênero e classe que foram invisibilizadas pelos discursos dominantes. Com base em autoras como Conceição Evaristo e Nilma Lino Gomes, compreende-se que essas narrativas constituem formas de escrivência e de ação política, especialmente quando relacionadas ao ativismo e à busca pela educação.

Desse modo, investigar as trajetórias de mulheres negras egressas ou professoras da EPJAI permite reconhecer a escola como espaço de formação, resistência e enfrentamento das desigualdades estruturais.

Conhecer o protagonismo das mulheres negras no processo de aprendizagem é fundamental para compreender como constroem suas identidades e percebem as dinâmicas de raça e gênero na escola e ao longo da vida. A interseccionalidade permite analisar a complexidade das desigualdades que as afetam e reconhecer as formas de resistência e autoafirmação no enfrentamento do racismo. O projeto de pesquisa, de abordagem etnográfica é orientado pelas narrativas dessas mulheres, busca identificar transformações decorrentes da formação escolar, suas expectativas e a importância da EPJAI em suas trajetórias.

A metodologia privilegia a escuta sensível, a convivência e o reconhecimento das experiências como formas legítimas de saber, rompendo com modelos de pesquisa hierárquicos que silenciaram vozes negras. Narrar torna-se um ato político, capaz de organizar experiências, afirmar identidades e revelar modos próprios de existir. As literaturas feministas negras defendem que registrar narrativas amplia epistemologias, fortalece memórias, cria redes de solidariedade e transforma a escuta em prática de resistência.

Ancorada em perspectivas decoloniais e interseccionais, a análise reconhece, conforme os ensinamentos de autoras como Gonzalez (1988), Hooks (1995), Collins(2019), Carneiro(2005), Martins (2002) e Bento (2002), que o conhecimento produzido por mulheres negras é situado, coletivo e marcado por enfrentamentos históricos. Suas narrativas denunciam o racismo institucional, afirmam sua busca por dignidade e expressam saberes corporais, simbólicos e afetivos que traduzem memórias e resistências. Assim, as narrativas etnográficas dessas mulheres podem constituir produções de conhecimento e potência política, reafirmando a centralidade de suas vozes na construção de realidades mais justas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos referenciais mostra que a escuta sensível e a escrita reflexiva, mais que procedimentos metodológicos, constituem práticas de reparação e valorização das vozes de mulheres negras. Investigar as narrativas de egressas da EPJAI significa reconhecer processos de resistência, afirmação identitária e transformação social. Ao narrar suas vivências, essas mulheres reconstroem modos próprios de existir e produzir saberes, evidenciando a força política e epistemológica de suas escrituras. A articulação entre etnografia e narrativa permite construir um conhecimento situado, marcado por afetos, memórias e experiências compartilhadas. Os resultados apontam que ouvir e reconhecer essas narrativas é essencial para compreender a realidade das mulheres negras e fortalecer a EPJAI como espaço educativo mais inclusivo.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. São Paulo: Caleidoscópio, 2002.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**: pesquisa e reflexões. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GONZALEZ, Léila. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: SILVA, L. A. (org.). Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HOOKS, bell. **Talking back**: thinking feminist, thinking black. Boston: South End Press, 1995.
- MARTINS, Leda Maria. **A oralitura da memória**. In: _____. A cena em sombras: ensaios sobre teatro, literatura e cultura negra. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.